

Beleza da transferência condicional de renda

Recentemente, o mundo assistiu à proliferação de políticas sociais baseadas na transferência condicional de renda.

Ou seja, existem mais de 30 países hoje que oferecem renda a uma parcela de seus cidadãos com uma coleção de características específicas em troca de alguma ação que eles devam praticar. No Brasil, o principal programa deste gênero é o Bolsa-Escola, que compreende em pagar às famílias desde que seus filhos estejam presentes mais de 85% dos dias letivos na escola. Como mostrarei, esse programa brasileiro atirou no que viu e acertou também no que não viu.

De acordo com os resultados de Bursztyn e Coffman, ambos doutorandos na Universidade de Harvard, o Bolsa-Escola não é só eficaz em induzir os pais a mandarem seus filhos para escola, mas é também em resolver um problema de monitoramento entre pais e filhos. Vejamos agora como isso se dá.

O estudo em questão fez um experimento nas comunidades mais pobres de Brasília, perguntando aos pais de adolescentes entre 13 e 15 anos participantes do programa Bolsa-Escola, Vida Melhor, que tipo de transferência mais lhes agradaria: transferência condicional, a criança estar presente na escola ou receber o dinheiro de qualquer forma. Surpreendentemente a resposta é que os pais preferem a condicionalidade, porque com ela os filhos passam a ser responsáveis pela suplementação de renda da família, tornando importante para os próprios estudantes a presença escolar. Mais surpreendente ainda, é que os pais estão dispostos a abrir mão de alguma renda extra para manter a condicionalidade da transferência, até R\$ 30 em média.

Face a essa evidência, a pergunta que não quer calar é a razão pela qual é desejo dos pais a frequência escolar de seus filhos adolescentes. Seria para mantê-los fora das ruas em um local seguro, seria para seus filhos interagirem na sociedade, ou seria para que eles adquirissem habilidades úteis no âmbito profissional.

Outra vez o estudo obteve resposta surpreendente: a segurança e a promoção social são os principais fatores do desejo de famílias humildes numa zona urbana de ter seus filhos na escola, enquanto a aquisição de habilidades, a pedra angular da questão escolar, não lhes parece relevante.

Algumas conclusões importantes em diversas dimensões podem ser tiradas da pesquisa em tela: (1) Existe um problema de monitoramento entre pais e filhos e o governo pode oferecer soluções mais baratas do que a transferência de renda às famílias, como, por exemplo, mensagens de texto diárias para os celulares dos pais informando sobre a performance escolar do filho. (2) Existe grande corrente na literatura econômica que defende as transferências incondicionais de renda, dizendo que as famílias saberão o que fazer com o dinheiro melhor do que qualquer burocrata sentado na capital. No entanto, esse estudo mostra que a condicionalidade da transferência de renda pode alcançar objetivos que transcendem o que está ao alcance de uma pessoa comum, ou seja, esse tipo de política social, pode corrigir falhas de mercado como assimetria de informação.

Portanto, é bobagem dizer que transferência condicional é necessariamente má política. (3) A população de baixa renda não vê a escola como caminho para a aquisição de habilidades específicas para o mercado profissional: será que eles são idiotas, será que a qualidade do que é ensinado é ruim, ou será que estamos ensinando coisas úteis às crianças do Brasil? A resposta a essas perguntas certamente dá clara diretriz para a política educacional brasileira.

Igor Barenboim é PhD em Economia por Harvard e Subsecretário Municipal de Administração do Rio de Janeiro

Sexta-feira, 1 de Janeiro de 2010

